

**PAISAGENS URBANAS E DESLOCAMENTOS CIDADINOS EM *O CÉU DOS SUICIDAS* DE RICARDO LÍSIAS**

Carlos Alberto O. Neiva Júnior (UEG/PIBIC)  
[caneiva@uol.com.br](mailto:caneiva@uol.com.br)

Ewerton de Freitas Ignácio (UEG/TECCER)  
Doutor em Literatura de Línguas Portuguesa (UNESP)  
[ewertondefreitas@uol.com.br](mailto:ewertondefreitas@uol.com.br)

128

**RESUMO:** *O céu dos suicidas* (2012), de Ricardo Lísias, retrata as peripécias pelas quais passa um especialista em coleções que é atormentado por se sentir culpado do suicídio de seu amigo André. Narrada em primeira pessoa, a obra é dividida em curtos capítulos em que se verificam constantes deslocamentos do narrador-protagonista por cenários urbanos. Ganham importância na obra questões como a violência e o medo no contexto urbano. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar os modos pelos quais o narrador-protagonista se relaciona com as cidades pelas quais passa e na qual vive, sendo seus ataques de raiva entendidos como expressão simbólica da violência urbana e do medo constante, tal como aponta Zygmunt Bauman (2009).

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura brasileira; cidade; violência urbana.

**ABSTRACT:** *O céu dos suicidas* (2012), by Ricardo Lísias, portrays the incidents for what passes a specialist collections what is plagued by feeling guilty do suicide of his friend Andrew. Told in First Person, a divided work in short and chapters in what occur constants narrator shifts – protagonist by street scenes. Wins importance in the work questions has violence fear any urban context. In this sense, our goal is to analyze the ways in which the narrator - protagonist relates to how cities through which passes and on we lives, being your anger attacks understood as a symbolic expression of urban violence and make constant fear, as Zygmunt Bauman points how (2009).

**KEYWORDS:** brazilian literature; city; urban violence.

Publicado em 2012 pela editora Objetiva, o romance *O Céu dos Suicidas*, de Ricardo Lísias, retrata as desventuras e aventuras de um especialista em coleções que é atormentado pelo remorso e pela culpa do suicídio de seu amigo André. Narrado em primeira pessoa, o romance é dividido em curtos capítulos e leva o leitor a procurar, junto do narrador-protagonista, pelas respostas que não o deixam dormir. Um romance relativamente simples, sem muitas personagens e descrições dos mesmos e dos locais por onde passam. O autor

trabalha a ironia ao mesmo tempo em que afunda no sofrido passado do protagonista e seu melhor amigo, que se matou.

Essa busca por respostas e por uma paz de espírito pela qual o protagonista anseia é metaforizada por uma busca geográfica que o mesmo faz. Indo a várias cidades, ele busca incessantemente por um local onde possa se sentir bem, mas nas metrópoles contemporâneas a personagem não consegue se sentir acolhida. As relações que mesclam Ricardo e a cidade, e vice-versa, fazem com que ele se perca de si mesmo enquanto vaga pelas ruas das cidades. A violência das grandes cidades também se mescla com a violência praticada por Ricardo, ligada intimamente às características citadinas.

Nosso objetivo é tentar compreender como parte da prosa contemporânea de Ricardo Lísis tem representado o espaço urbano em sua faceta pós-moderna, bem como averiguar as implicações disso no contexto da experiência urbana individual. Além disso, objetivamos investigar a maneira pela qual a prosa literária brasileira tem dialogado, na atualidade, com aspectos que permeiam e configuram a nova realidade urbana das megacidades (PRYTHON e CARRERO, 2004) e evidenciar que se tem, em *O céu dos suicidas* (2007), o retrato da experiência urbana de indivíduos que, cada vez mais, são menos senhores de si mesmos e de suas vidas em meio a um espaço citadino cuja configuração, paradoxalmente, veicula informações e confunde seus habitantes.

Acreditamos que analisar as peculiaridades de uma obra que tematiza questões caras à contemporaneidade, como a indagação dos rumos da cidade, dos rumos da vida como um todo, pode configurar a realização de um estudo contribuirá para uma maior compreensão da representação da violência urbana na literatura brasileira. Além de lançar maior luz, nos estudos literários, sobre um romance contemporâneo pouco estudado.

O romance em pauta possui três elementos de extrema importância no enredo que serão desenvolvidos por toda trama, são eles: 1) Os constantes ataques de raiva do protagonista; 2) O suicídio de seu amigo André e o sentimento de culpa pelo fato e 3) A perda de suas coleções e a falta que fazem. Todos esses pontos dialogam com o espaço geográfico em que Ricardo circula. Esses três pontos desencadeiam em uma busca que será feita tanto geograficamente como mentalmente, e ambas dialogarão com a relação indivíduo-cidade.

Ricardo tinha um grande fascínio por coleção. Como diz de si mesmo:

Durante a infância e adolescência, cheguei a ter quase duas mil tampinhas de garrafa. Quantos aos selos, obrigatórios para quase todo mundo que sofre com a obsessão pelo colecionismo, cheguei a organizar belos conjuntos. Também reuni tudo o que encontrei sobre o time de futebol que me encantava aos doze anos (LÍSIAS, 2012, p. 12).

Esse seu fascínio pelo colecionismo representa seu já tenro desejo de busca incessante por algo, pois um colecionador não está satisfeito com sua condição, pois sempre está à procura de algo que complete sua coleção ou ao menos agregue valor a ela, uma vez que existem coleções que não podem ser completadas. Quando sua coleção finalmente está completa, ele inicia uma nova coleção e uma nova busca. Mas o romance inicia com uma declaração da personagem, “Sou um especialista em coleções, mas doei meus selos há mais de dez anos”. (p. 11)<sup>1</sup>. Ricardo não só possui um desejo de busca, mas um grande vazio em si. Ele passa a trabalhar com coleções, mas sem ter alguma. Então protagonista parte por uma busca de preencher esse vazio, busca que a cidade propõe e que Ricardo só irá completar quando reorganiza seus sentimentos “como se fossem uma coleção” (p. 23). Essa busca se dá na cidade, pois:

Estar na cidade é, portanto, buscar respostas para nossas perguntas, mesmo que nos encantemos com suas maravilhas, mesmo que vivamos em cidades ameaçadoras e não esperemos mais a cidade utópica, numa terra sem males prometida pelo progresso. (GOMES, 1997, p. 06).

Como os construtores de Zobeide chegaram a essa cidade por irem atrás da mulher que lhes fugia nos sonhos (CALVINO, 1990, p. 25), Ricardo perseguiu o vazio que sentia chegando até Beirute, onde descobre que não era pela história de suas coleções que buscava, mas respostas para seu próprio passado. O protagonista procurava inconscientemente por André, enquanto racionalmente buscava pela coleção.

Desde a morte de André, Ricardo diz estar constantemente com “saudades de tudo” (p. 21). Essas saudades o levam a Campinas, mas especificamente, à cidade universitária onde

---

<sup>1</sup> Todas as citações de *O céu dos suicidas*, neste trabalho, reportar-se-ão à primeira edição publicada pela Objetiva, em 2012, e, para facilitar, indicarei apenas o número da página ao fim das referidas citações.

ele e seu amigo suicida viveram. Assim o leitor pode perceber que o que Ricardo realmente busca, aquilo que o inquieta de fato, é a falta de André, seu amigo suicida.

Na universidade em que estudou, ele procurou por relações entre Santos e o Líbano, em busca de entender o mistério acerca dos selos do tio-avô, mas o protagonista-narrador só consegue encontrar lembranças de André. Ricardo busca inconscientemente enfrentar esse vazio que o atormenta, mas afirma “Desde que cheguei, tenho me repetido que não vim atrás do André” (p. 43). Inevitavelmente ele acabou revivendo várias lembranças de André, e isso aflorou suas saudades, trazendo irritação, “Sinto saudades de tudo e isso me irrita” (p. 44).

Assim, Ricardo acaba decidindo ir aos locais onde André se internou pouco antes de se matar. Na primeira clínica ele não consegue entrar, mas na segunda ele passa despercebido e chega ao jardim onde os internos ficavam. Ali, nesse pequeno espaço verde onde se pode ver o campo representado, o protagonista tem uma paz que há muito não sentia<sup>2</sup>.

Quando saí, outra vez fiquei com um sentimento estranho: uma espécie de paz eufórica me causou taquicardia. Não tive paciência para esperar um ônibus e resolvi voltar andando. Acho que estava feliz.

Não é bem isso: fiquei alegre. Não foi intenso. Tive que parar e pensar um pouco para entender o que estava sentindo. Era a mesma alegria discreta que me invade sempre que encontro uma coleção bem-feita e tenho a chance de dizer isso para o dono (p. 57).

Assim, o protagonista-narrador organiza uma parte de seus sentimentos como organiza uma coleção. Causando-lhe a mesma alegria de ver uma coleção bem-feita. Esse sentimento ordenado está relacionado com a tranquilidade do campo em relação a agitação da cidade. Como Ignácio (2010, p. 140) interpreta o parque da cidade em *Noite*, de Érico Veríssimo, como um espaço com elementos naturais que formam um espaço natural “domesticado”, da mesma forma que esse pequeno parque desfaz a sensação de medo que a personagem sentia, pode-se fazer o mesmo paralelo com esse jardim do sanatório que funciona como fuga do ambiente urbano, afastando Ricardo das preocupações citadinas.

---

<sup>2</sup> É interessante notar que Ricardo só consegue entrar em um estado de paz e euforia depois de sofrer uma catarse, sentido as dores de André que ele não aceitava. Abraçando essa dor e observando as coisas que seu amigo observava.

À medida que o tempo vai passando desde a visita de Ricardo ao sanatório e ele vai voltando ao ambiente e ritmo da cidade, sua irritação vai voltando gradativamente, mas nos primeiros momentos é narrada sua alegria compartilhada com um médico colecionador de pesos de papel, o primeiro e único colecionador do livro que Ricardo não irá agredir.

É interessante notar ainda que ao visitar em “uma chácara perto de São Paulo” (p. 74) um colecionador de itens sobre a 2ª Guerra Mundial, Ricardo se mostra bastante calmo com a inexperiência do homem, só vindo a perder a paciência com seus defeitos e agredi-lo por e-mail mais tarde, já de volta à cidade. Esse fato pode ser explicado, da mesma forma, pela perturbação que Ricardo sente estando dentro das cidades e a calma quando está afastado desse mesmo espaço, ou seja, na presença do espaço (ou representação do espaço) rural. Pois a cidade é local de incerteza, como afirma Richard Sennet (2003, p. 15), “a privação sensorial a que aparentemente estamos condenados pelos projetos arquitetônicos dos mais modernos edifícios; a passividade, a monotonia e o cerceamento tátil que aflige o ambiente urbano”.

A grande cidade de São Paulo é terra natal do protagonista-narrador, nela vive sua família, ou ao menos os parentes mais próximos, já que seus parentes distantes vivem no Líbano, sua tia que lhe deu as tampinhas indianas sumiu e seu irmão está na Austrália. Enquanto a distância geográfica revela a distância no trato que Ricardo tem com esses parentes, para com os que vivem em São Paulo, essa metrópole simbolizará o contrário. Eles estão muito próximos e o irritando constantemente, como sua mãe que lhe liga constantemente.

Ao analisar as grandes metrópoles, Rolnik (1995, p. 16) se baseará em Wall Street para declarar que “não se está nunca diante da cidade, mas quase sempre dentro dela”. Esse fator é semelhante ao da cidade de Cecília, eternizada por Calvino em seu *As cidades invisíveis*, uma cidade sem fim, de onde não se pode sair. “Cecília está em todos os lugares; aqui um dia devia existir o Prado da Salva Baixa.” (CALVINO, 1990, p. 65). Da mesma forma se dá com a cidade de São Paulo: na sua imensidão, Ricardo se vê sempre “rastreado” pela mãe que o visita, liga e manda *e-mails* não importa onde ele esteja. Por mais que ele viaje bastante, o protagonista sempre retorna à capital paulista. Aqui, vê-se a representação da relação das grandes metrópoles e da globalização com os indivíduos, que tem as distâncias aproximadas e passam a viver em um labirinto, uma cidade de onde não se pode sair.

Um trecho que demonstra como o contexto citadino persegue a personagem e a irrita, é quando ela, com a desculpa de ir avaliar uma coleção de taxímetros antigos, vai para Santos em busca de maiores detalhes sobre a história dos selos de seu tio-avô. Ele já acredita fielmente na hipótese de que seu parente tinha envolvimento com um grupo de terroristas pelos selos serem todos do Oriente Médio e de uma determinada década. Essa busca o leva para Santos, uma cidade cujo cheiro e umidade vinda do porto o irrita profundamente.

[...] saí correndo do hotel em direção à praia. Algumas pessoas dizem que o mar acalma. Mas o cheiro me nauseou. O sol começou a esquentar meu rosto, e de sapato mesmo andei um bom tempo pela areia. Comecei a sentir aquela umidade estranha nos pés. Cidades portuárias não podem ser tão movimentadas como todo mundo diz. Um barco não traz nada de novo, nem o mar. Vi um navio enorme próximo ao horizonte e minha irritação aumentou. Se estivesse a bordo de um, com certeza nunca dormiria outra vez. [...] Deitei quando a areia já tinha invadindo meu sapato. [...] Senti um prazer estranho. [...] De novo senti raiva do André. Eu devia estar na região do porto. Eram sirenes o que ouvia, tentei concluir. Resolvi não abrir os olhos. Não me lembro se finalmente consegui dormir. (85-86).

Nessa segunda experiência de tranquilidade, a mesma ideia de relação entre a paz do campo e a agitação urbana é estabelecida. Enquanto a praia, o sol e a areia (elementos naturais) acalmam-no, o navio, o barulho da sirene e o porto (elementos característicos da cidade) traziam sua raiva novamente.

Zygmunt Bauman escreve sobre o sentimento que o progresso deixa nos homens. “Hoje se formulam previsões apavorantes e fatalistas, e o progresso representa a ameaça de uma inexorável e inevitável mudança que não promete nem paz nem repouso, mas crises e tensões contínuas, sem um segundo de trégua” (2009, p. 52-53). E esses elementos que simbolizam esse progresso (o navio, o barulho da sirene e o porto) são os responsáveis pela agitação e nervosismo causado no protagonista.

São esses elementos de poluição, agitação e violência que irritam Ricardo. Assim, a violência da grande metrópole brasileira é refletida nas atitudes do narrador-protagonista. Ricardo tem constantes ataques de raiva ao decorrer da narrativa, alguns episódios mais marcantes são:

Então vai tomar no cu, sua filha da puta.  
Cuspi na cara dela mas, com o grito, a desgraçada se afastou e acabei atingindo a tal árvore genealógica. Na mesma hora, peguei a folha e a rasguei em pelo menos três pedaços. Ela começou a gritar e tentou tirar o papel das minhas mãos. (p. 39)

Percebe-se que não há apenas uma violência física, como uma verbal. Sempre que o protagonista tem um ataque de raiva, agride os outros fisicamente e verbalmente, porém a agressão verbal é mais comum. Como em “[...] Insinuei que talvez fosse melhor ela ir à merda. Telefonei para o herdeiro dos taxímetros e disse que não cuidaria daquela bosta. Vende para um desmanche, idiota”. (p. 105). E em “[...] Então, sua tonta, vou explicar melhor. [...] Então a senhora vá tomar no cu”. (p. 106). É possível ver os xingamentos como uma representação da marginalidade cidadina. Como Gomes afirma:

Este é o universo da grande cidade moderna, lugar da “experiência de ser estranho no mundo, de estar sob o signo da precariedade e do desamparo”, cujos heróis são os inadaptados, os marginais, os rejeitados que reagem à atrofia da experiência. (1993, p. 69).

Ou seja, trata-se da representação de um o herói marginal, desamparado pelo contexto citadino. Mas como foi dito, não há apenas agressão verbal, mas física, em diversas vezes é narrado momentos de lutas e brigas. “Quando um sujeito me disse que os suicidas são frouxos, meti a mão nele”. (p. 170). Todas essas agressões, comuns das grandes metrópoles refletem em seus habitantes, e Ricardo demonstra bem o que sente ao andar pelas ruas barulhentas das cidades aos berros.

Saí gritando na rua. Desde então grito muito. Comecei a ficar nervoso. Senti ódio dele. Quando me acalmei, comecei a ter saudades de tudo. Lembro das coisas e me arrependo. Também comecei a ter problemas para dormir. Resolvi viajar, mas continuei nervoso. Não consigo trabalhar direito até agora e me sinto agressivo. (p. 145).

Com esses ataques de raiva, repletos de palavrões e agressões físicas, Ricardo mostra no seu comportamento, a impressão das características das grandes cidades, cheias de violência. “Paradoxalmente, as cidades – que na origem foram construídas para dar segurança a todos seus habitantes – hoje estão cada vez mais associadas ao perigo.” (BAUMAN, 2009, p. 40). E “A cidade, assim, constitui uma questão fundamental para os modernos; tornou-se uma paisagem inevitável, pólo de atração e de repúdio, paradoxalmente uma utopia e um inferno.” (GOMES, 1997, p. 03). Ao se mostrar irritado e fazendo uma viagem psicológica, Ricardo reflete a irritação das metrópoles e suas extremas movimentações.

Se a violência é um elemento comum das grandes cidades, o fluxo constante e a poluição sonora formam uma tríplice característica. Enquanto o fluxo constante representa a efemeridade das coisas, fazendo com que Ricardo sinta “saudades de tudo” (p. 21), como a cidade de Maurília (CALVINO, 1990, p. 15) que nada mais tem a ver com a velha Maurília do cartão postal. A poluição sonora irá representar a agitação interior do personagem. Ricardo mesmo irá declarar. “Senti de novo o imenso barulho da cidade grande, aquele monte de carros, as buzinas, as pessoas na rua, todo mundo falando tão alto, o mundo inteiro gritando e dando a impressão de que o nervosismo nunca vai deixar meu corpo.” (p. 160). E por isso, o psiquiatra de Ricardo dirá sobre seu psicológico. “Não é o mundo que grita, Ricardo, é você.” (p. 158). Aqui, vê-se a cidade em uma perfeita osmose com o cidadão: o barulho da cidade é o barulho interno de seu habitante.

Por não encontrar nada sobre a troca de correspondências do seu tio-avô, Ricardo decide viajar a Beirute, a fim de descobrir a verdade que seus familiares tentavam esconder dele. Passando por Frankfurt, o protagonista já é acometido por uma sonolência que o tomara por completo em Beirute. Ele irá dormir várias vezes e profundamente, situação oposta ao que se passava no Brasil, onde ele conseguia dormir poucas vezes e de uma forma muito leve.

Essa sonolência pode ser explicada por três fatores: 1) A distância de São Paulo, cidade agitada e barulhenta não só no concretamente como psicologicamente, uma vez que é a cidade onde estão os familiares do protagonista que constantemente o incomodam, e a cidade onde André esteve com ele pela última vez e tentou se matar. Esses fatores fizeram as características externas (um lugar barulhento e agitado) refletirem as internas, o psicológico da personagem. 2) O fato de Ricardo estar distraído com a procura pelo passado de seu avô e não pensar tanto nos seus problemas emocionais. “Também, como sempre, lembrei-me do André [...] Quando virei à esquerda, porém, achei melhor me concentrar na cidade e nas pessoas que cruzavam comigo” (p. 115). 3) A tranquilidade da cidade cujos moradores “tinham acabado de se livrar de mais um conflito” (p. 115). Essa paz que não era possível ter nas cidades brasileiras em que esteve. Em Beirute, o único barulho que se ouvia era “alguém [que] gritava na rua ou havia uma confusão no corredor do hotel”. A prova de que o protagonista possuía um problema



com o barulho externo é de que esse barulho seria a única coisa que o acordaria do sono profundo que teria nessa cidade árabe.

Nesse romance contemporâneo, o espaço urbano está inteiramente ligado ao espaço psicológico do narrador-protagonista. O suicídio de seu melhor amigo André deixou no protagonista alguns distúrbios, sendo esses semelhantes aos elementos citadinos: efemeridade, agitação e violência. Ricardo só conseguirá encontrar a paz quando reorganiza seus pensamentos como em uma coleção, voltando à ordem em que vivia antes da morte de André. “Nunca tinha gritado tanto. Trato meus problemas em silêncio. Eu os organizo e reorganizo na cabeça, como se fossem uma coleção, até solucioná-los. Com as decisões, reajo da mesma forma.” (p. 23).

Dialogando com o sentimento de busca impensante que a cidade nos imputa, Ricardo passará a sentir todo o medo que a cidade grande impõe, fazendo com que ele durma sempre com a porta trancada. Esse medo despertará em seu extinto de sobrevivência uma explosão de violência que o protagonista irá descarregar sobre diversas outras personagens na forma de agressões físicas e verbais.

Esse mesmo medo irá fazer com que ele fuja da agitação urbana, sobretudo com constantes saudades de tudo, uma vez que não há efemeridade nas grandes metrópoles, marcadas pelo sinal do progresso. Sendo assim, a romance trará:

[...] neste diapasão de impasse, outro aspecto que se pode ressaltar na representação da cidade na ficção brasileira contemporânea: a perda do contato direto e credível entre as pessoas, justamente no momento em que a cidade e suas questões determinam nosso cotidiano e dão forma aos nossos quadros de vida; é ela nosso presente turbulento e nossos velhos medos.” (GOMES, 2000, p. 67).

Ou seja, os elementos comuns da metrópole onde ele vive irão penetrar seu psicológico, plasmando a viagem geográfica com a jornada psíquica e a metrópole brasileira ao especialista em coleções. Assim, no mundo pós-moderno e globalizado das grandes metrópoles, o homem não mais pode escapar da cidade, mas antes disso, é perseguido pela mesma até que se mescle em uma reação de comensalismo, onde o homem faz a cidade e a cidade faz o homem.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainard. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- GOMES, Renato Cordeiro. Representações da cidade na narrativa brasileira pós-moderna: esgotamento da cena moderna?. *Alceu*. V. 1. n. 1. jul/dez 2000. p. 64-74.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. *Do campo abandonado para a cidade suportada: campo e cidade na literatura brasileira*. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.
- LÍSIAS, Ricardo. *O céu dos suicidas*. São Paulo: Objetiva, 2012.
- ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.